



LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO: NO PROCESSO DA CONSTRUÇÃO DE LEITURA E ESCRITA

Joselene Granja Costa Castro Lima ¹

RESUMO

Com base nas reflexões acerca de estudos sobre Alfabetização e Letramento, este texto pauta-se na análise das práticas de leitura e de escrita no processo de ensino aprendizagem. Leitura e escrita podem ser consideradas como parte essencial do saber, uma vez que fundamentas em inúmeras habilidades, viabilizando assim a compreensão do outro e de tudo que o cerca no mundo, bem como a construção a respeito da virtualização do texto e atualização da leitura e escrita com a possibilidade de utilização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) no contexto escolar. As referências textuais são os principais meios por onde é possível adquirir e formatar relativos posicionamentos, proporcionando a realização do questionamento a respeito da potencialidade da Alfabetização e Letramento na construção de Leitura e Escrita para a formação do sujeito pensante. Para a realização do presente artigo optou-se por fazer uma revisão bibliográfica, com referências feitas com base em livros, artigos científicos, bem como textos publicados em endereço eletrônico e através da pesquisa documental. Tal abordagem surgiu da necessidade de conhecer melhor sobre alfabetização e letramento, compreendendo assim os processos envolvidos na construção da leitura e da escrita. Em decorrência disso, faz-se necessário verificar o olhar docente com relação às atividades por ele desenvolvidas em suas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Leitura, Escrita, Professor. Aluno, TDIC.

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que o governo implantou vários projetos educacionais para que o jovem, a criança e até mesmo os adultos pudessem adquirir o conhecimento e aprendizado das Letras. Infelizmente, os educadores sentem certa dificuldade em relação ao material disponibilizado, pois esse chega a ser insuficiente para que o professor possa trabalhar de forma correta, levando-o a diversas outras pesquisas de complementação, para que os discentes adquiram melhor entendimento do que seja uma produção textual e como ela pode ser aplicada no ensino do Letramento, através da prática da leitura e escrita.

O ato de ler e escrever pode ser considerado uma ferramenta para o desenvolvimento educacional do aluno, apresentando-se tanto no processo do letramento,

¹ Professora de Língua Portuguesa e Redação do Colégio Estadual Edvaldo Fernandes (pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia); Graduada em Letras Vernáculas; Especialista em Psicopedagogia e em Gestão da Aprendizagem Escolar; E-mail: joselenegranja@gmail.com.



como no desenvolvimento da compreensão acerca do currículo necessário nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Essa, porém é a base para a vida escolar do sujeito aprendiz e é o início da formação de um cidadão com pensamento crítico, participação ativa e profundo conhecimento dos seus direitos e deveres, dentro e fora da escola.

O educador Freire (2006), diz:

A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2006, p. 11)

Há muito tempo que o Brasil tenta alfabetizar os alunos e os professores travam essa luta para alfabetizá-los dentro das suas potencialidades e conhecimentos. Sempre procurando mostrar que o caminho mais desejável é o alunado saber ler, de uma simples mensagem a um texto narrativo, por exemplo. Existe também um universo amplo para a realização da escrita, que determina um perfil determinado de leitor, capaz de produzir alguns textos, inicialmente, em sala de aula.

Em um período conceituado do mundo digital, no qual os meios tecnológicos crescem exponencialmente, as informações são transmitidas em uma velocidade avassaladora, as pessoas que não apresentam um desenvolvido na sua capacidade de comunicação na era das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) poderão ficar à margem de todos esses benefícios e avanços tecnológicos.

Alguns professores buscam evidenciar para o alunado a real importância da leitura e da escrita na construção individual, visando levá-lo a compreender que ler e escrever não são atos mecanizados, mas processos de fundamental relevância para a sua formação, presentes na base sobre a qual possibilita-se construir grande parte dos conhecimentos essenciais dos saberes da vida humana.

Estudos sobre os instrumentos de avaliação mostram que a grande maioria do estudante brasileiro apresenta uma grande dificuldade para ler e escrever. Muitos discentes passam pela escola sem desenvolverem plenamente as habilidades propostas de leitura e escrita.

2. METODOLOGIA



Este artigo tem o objetivo de promover a leitura e escrita no aluno a partir de estudos e considerações essenciais acerca do Letramento e da Alfabetização e assim construir uma interação entre o ato de ler e escrever, elementos básicos para o processo de ensino-aprendizagem do aluno, bem como a sua integração com o mundo digital, além de aflorar o senso crítico e prazer pela leitura.

Esta abordagem compreende o levantamento bibliográfico efetuado em pesquisa da área que aborda Alfabetização e Letramento na construção da leitura e escrita no decorrer da vida estudantil do indivíduo. Tal pesquisa foi desenvolvida com base em uma abordagem bibliográfica, qualitativa e descritiva.

A pesquisa bibliográfica, segundo Rampazzo (2005), “procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas (em livros, revistas, artigos etc.)”. Já para Gil, (2012) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Tal estudo apresenta também uma interpelação qualitativa que, segundo Reis (2008), a pesquisa qualitativa tem a finalidade de:

Analisar a interação de certas variáveis; Interpretar e dar significados aos fenômenos analisados; Descrever a complexidade de um específico problema; Compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais; Possibilitar o entendimento das possibilidades do comportamento dos indivíduos; Atribuir significados básicos aos conceitos no processo de pesquisa qualitativa (REIS, 2008, p.57).

Isso é composto por um universo de amostras intencionais, pois foram escolhidos autores e obras a fim de mostrar como ocorre a Alfabetização e o Letramento na vida de aluno. Por tratar-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, tomaram-se como base para esta investigação as obras de alguns teóricos, tais como: BRANDÃO (2002), FERREIRO (2011), FREIRE (2006), CAGLIARI (1999), RUSSO (2012), SOARES (2004), dentre outros. Esses autores foram selecionados a partir de um estudo ao longo desses anos de carreira acadêmica e profissional.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram: livros, resenhas, resumos, leituras de periódicos, consulta a sites a fim de levantar a maior quantidade possível de dados e ideias sobre o tema aqui abordado. Esses dados foram analisados de forma concisa e neutra com o propósito de expor ao leitor uma visão mais clara da Alfabetização e Letramento na Educação.



3. PROCESSO PARA A CONSTRUÇÃO DE LEITURA E ESCRITA

3.1. Alfabetização e Letramento

Russo (2012) afirma que “a alfabetização consiste no aprendizado do alfabeto e de sua utilização como código de comunicação. De um modo mais abrangente, a alfabetização é definida como um processo no qual o indivíduo constrói a gramática e em suas variações”. Essa ação não se limita somente na obtenção dessas capacidades práticas de codificação e decodificação de leitura, mas na habilidade de interpretação, crítica e produção de conhecimento. A alfabetização cinge, também, a adição de maneiras mais modernas de compreensão e uso da linguagem de uma maneira geral.

De acordo com Mortatti (2000), a alfabetização de um indivíduo promove sua socialização, já que possibilita o estabelecimento de novos tipos de trocas simbólicas com outros indivíduos, acesso a bens culturais e a facilidades oferecidas pelas instituições sociais. A alfabetização é um fator propulsor do exercício consciente da cidadania e do desenvolvimento da sociedade como um todo.

Quando articuladas as diferentes facetas no processo de alfabetização, fica evidente que os objetivos, funções e a utilização da leitura e da escrita são diferentes entre as classes populares e as classes favorecidas.

De acordo com Coll (2013), no Brasil, por exemplo, é considerado alfabetizado (letrado) aquele que é capaz de localizar, compreender e usar informações fornecidas por diferentes tipos de textos. Em algumas sociedades, saber assinar o nome significa estar alfabetizado, isto porque, há diferentes conceitos de alfabetismo, dependendo das necessidades e condições sociais presentes em determinado momento histórico de um grupo ou cultura.

De acordo com Dias (2012),

Nesse sentido, vai além das normas metodológicas e linguísticas, na medida em que propõe as crianças que se apropriem da escrita e da palavra para se politizarem, tendo uma visão de totalidade da linguagem e do mundo. O método Paulo Freire estimula a alfabetização mediante a discussão de suas experiências de vida entre si, os participantes da mesma experiência, através de tema/palavras gerador (as) da realidade dos alunos, que é decodificada para a aquisição da palavra escrita e da compreensão do mundo (DIAS, 2012, p. 24).

O leitor se formará a partir das próprias concepções que a criança tem a respeito do que são e para que serve a leitura e a escrita, facilitadas ou não pelo modo como a escola as insere no domínio deste novo conhecimento.



Por meio de pesquisas a respeito do tema, constatou-se que alfabetização é um processo que impulsiona a aprender ler e escrever. Para Teberosky e Tolchinsky (1995), ser alfabetizado pode ser entendido sob três perspectivas ou concepções:

Na primeira, alfabetizados são aquelas pessoas que possuem habilidades básicas para se adaptar à vida moderna. Nessa perspectiva, a escrita é concebida como instrumento que os sujeitos sabem manusear para poder exercer suas atividades do dia-a-dia. Aqueles que não possuem tais habilidades são conhecidos como analfabetos funcionais, mesmo sabendo decodificar o código linguístico. A segunda perspectiva vê na utilização da escrita uma aquisição de poder político, econômico e mental. A terceira considera que o essencial para um sujeito se considerar alfabetizado é a aquisição das formas de expressão contidas nos diferentes suportes e a valorização da estética, desenvolvendo suas habilidades de expressar sentimentos, provocar ambiguidades e fazer uso da imaginação ao redigir um texto (TEBEROSKY e TOLCHINSKY, 1995, p. 45).

Todos os teóricos pesquisados concordam que a alfabetização compreende o domínio sistemático das habilidades de ler e escrever, ou seja, habilidades de codificação (representação escrita de fonemas e grafemas) e decodificação (representação oral de grafemas em fonemas), mas também questionam a amplitude deste conceito, que se mostra meramente mecânico e excludente, pois deixa de fora as práticas sociais de leitura e escrita.

3.2. Diferença entre Alfabetização e Letramento

Por muito tempo, o alfabetizado no Brasil era considerado aquele que declarava saber ler e escrever, isso era interpretado como a simples capacidade de escrever o próprio nome. Como afirma Soares (2004):

Letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e a escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social (SOARES, 2004, p. 72).

Segundo a definição de Val (2006):

pode-se definir alfabetização como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitem ao aluno ler e escrever com autonomia. Noutras palavras, alfabetização diz respeito à compreensão e ao domínio do chamado “código” escrito, que se organiza em torno de relações entre a pauta sonora da fala e as letras (e outras convenções) usadas para representá-la, a pauta, na escrita (VAL, 2006, p. 19).



A epistemologia genética de Piaget (1982) é uma teoria construtivista de caráter interativo, entendendo o pensamento e a inteligência como processos cognitivos que tem sua base em um organismo biológico. É a partir da herança genética que o indivíduo constrói sua própria evolução da inteligência paralelo com a maturidade e o crescimento biológico da pessoa que, através da interação com o meio, desenvolve suas capacidades básicas para a subsistência, sejam elas a adaptação e a organização.

3.3. Conceituando Leitura e Escrita

Conforme define a autora Ferreiro (1995) “a escrita pode ser considerada como uma representação da linguagem ou como um código de transcrição gráfica das unidades sonoras”. A escrita, também, nas concepções tradicionais de alfabetização, estão baseadas na visão de que a aprendizagem da linguagem escrita é um processo de associação de símbolos gráficos a sons da fala e, por isso, um processo mecânico de repetição de letras ou sílabas e seus respectivos segmentos sonoros, passou a ser questionada com mais intensidade (PCN, 1998).

A temática sobre leitura tem sido, por variadas ocasiões, debatida nos ambientes acadêmicos, visto que, o modo de alfabetização ocorre na prática da escrita. Para posicionar o estudo sobre leitura faz-se necessário a busca pela definição deste termo, a luz do que já foi estudado sobre a temática aqui abordada. Ainda segundo Ferreiro (2011), “leitura é o ato ou efeito de ler, arte, hábito de ler; aquilo que se ler”.

Para Brandão e Micheletti (2002), o ato de ler:

É um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de intelecção de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação de palavras. O ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva (BRANDÃO; MICHELETTI, 2002, p. 9).

É por meio da leitura que o indivíduo se relaciona com outrem, mediante uso da palavra escrita. O sujeito que lê é um ser dinâmico que dá oferece lucidez ao texto. A mensagem escrita ganha importância a partir da atividade do leitor sobre ela.. Desse modo, um texto só se finaliza com a leitura mediante a atualização da linguística e da enunciação feita pelo leitor.



4. O PAPEL DO PROFESSOR E OS INSTRUMENTOS UTILIZADOS NA CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA NA ERA DAS TDIC

De acordo com Silva (2015) a prática docente da Educação Básica da leitura não deve estar presente somente na disciplina de Língua Portuguesa, bem como, em todas as outras disciplinas acadêmicas que visam transmitir os conhecimentos, informações, cultura e valores a novas gerações. Dessa forma, ressalta-se que os professores das mais diversas áreas do conhecimento devem contribuir com participação ativa nas ações pedagógicas de incentivo à leitura e à escrita. Como essas práticas são relevantes ferramentas para ampliar os conhecimentos e promover a aprendizagem, é preciso promover o ensino da leitura e a prática da escrita, em conjunto, para que possa alicerçar o saber.

Cagliari (1999), afirma que “a educação na sua essência tem dois métodos apenas: um baseado no ensino e outro na aprendizagem e a verdadeira prática educativa serve-se de ambos, na medida adequada”. Desse modo, a declinação comum de um ou de outro transforma o processo deficitário e com prováveis desfechos e consequências. Apesar do processo para a aquisição do conhecimento de leitura e escrita está em torno do educando, o docente atua como um grande exemplo na vida do aluno, podendo atizar a sua motivação e incentivá-lo a gostar de ler e escrever, promovendo assim uma enorme inspiração no sujeito o querer aprender o conteúdo que está sendo transmitido, após reflexão e análise.

Segundo Rubem Alves (2002):

O corpo aprende para viver. É isso que dá sentido ao conhecimento. O que se aprende são ferramentas, possibilidades de poder. O corpo não aprende por aprender. Aprender por aprender é estupidez. (RUBEM ALVES, 2002, p. 3)

Quanto a isso, vale lembrar as ideias de Paulo Freire, teórico que sempre ressaltou o verdadeiro sentido da docência e a responsabilidade do professor na condução do processo de ensino-aprendizagem. Freire (1996), por sua vez, em suas obras, mostra que “ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado”.



Vygotsky (1989) também se ocupou em desvendar os mistérios do desenvolvimento humano ressaltando o peso das interações sociais como fonte de cognição e do comportamento do homem quando formulou a sua teoria sociocultural. Para esse teórico, “o ser humano desenvolve-se interagindo com o meio em que se encontra inserido, mediante contato, comunicação, assimilação de valores e práticas”, isto é, compartilhando cultura. Na sua visão, no contexto geográfico e cultural tem importância decisiva no desenvolvimento humano, destacando-se aí a influência do processo histórico-social e o papel da linguagem no desenvolvimento do indivíduo. Além de defender que “na ausência do outro, o homem não se constrói homem” (Rev. NOVA ESCOLA, 2008, p. 92).

O professor é um dos principais responsáveis na formação de leitores e tem o dever de oferecer diversas formas de leitura para incentivar os seus alunos, além da clássica prática de leitura impressa, com os avanços tecnológicos não se pode negar a influência da leitura no meio digital que atrai as novas gerações pelo fator de estar atrelada as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), o que pode aumentar o interesse e influenciar na sua motivação de ler e escrever.

Fernandez (2009), afirma que:

Hoje, observo que estamos diante de múltiplas textualidades, maneiras de ser leitor e de ler coexistindo em distintos espaços que a humanidade transita. A internet acoplada ao computador vem se constituindo num dos ambientes no qual a tríade leitor-leitura-texto está a cada dia que passa sendo predelineada e ressignificada, requerendo de nós, professores e pesquisadores, um olhar aguçado para compreendermos os diversos meandros e matizes dessa relação (FERNANDEZ, 2009, p. 01).

A leitura digital consiste em qualquer leitura feita em uma tela digital, por meio da Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), tais como computador, tablet, celular entre outros objetos da era digital, sendo diferente do método tradicional da leitura impressa, entretanto, vale ressaltar que não importa qual a maneira a ser usada na sala de aula, ambas necessitam da mediação do professor.

Ao mencionar acerca das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) é pertinente afirmar que são todos os artefatos culturais presentes no cotidiano das pessoas, já que se há um forte hábito de uso desses recursos. No ambiente da educação percebe-se que a tecnologia influencia no aprimoramento e dinamização das ações



pedagógicas possibilitando assim uma nova forma de trabalhar o desenvolvimento da prática de leitura.

Hoje em dia é quase impossível viver sem elas, pois já fazem parte do cotidiano, da maioria das pessoas e ditam as regras no modo como vivem, aprendem, pesquisam, se comunicam e se relacionam. Com apenas um comando, é possível pagar contas, marcar consultas, realizar compras, cruzar fronteiras, conhecer pessoas, estabelecer redes sociais, enfim, é possível realizar inúmeras tarefas. Ao discorrer sobre esta questão, Manuel Castells (1999), em sua obra *Sociedade em Redes*, afirma que “um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais a mesma língua universal digital está movendo a integração global da produção e distribuição de palavras” (CASTELLS, 1999, p. 40).

Segundo Zuin (2010):

Numa sociedade em que a tecnologia ocupa posição decisiva, a ponto de ressignificar as configurações das relações humanas em todas as suas esferas, a discussão dos eixos direcionadores das futuras políticas públicas de educação não pode abster-se de uma análise mais apurada sobre o modo como as atuais relações de produção determinam transformações cada vez mais aceleradas na esfera da superestrutura e, portanto, nas instituições que as compõem, principalmente as escolares (ZUIN, 2010, p. 977).

5. O PAPEL DA ESCOLA NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA

A escola tem um papel muito importante, não só na qualidade no ensino, mas no desenvolvimento e preparação do aluno na vida social. Portanto, não pode ser uma instituição de exclusão social. Assim “a desigualdade social não repercute apenas nas condições de vida, mas se manifesta, também, na distribuição desigual de oportunidades educacionais”. (ALBUQUERQUE apud FERREIRO; TEBEROSKIY apud MORITA, 1989, p. 77).

Entende-se como letramento uma ferramenta de valores social e cultural, onde dissociar a prática de leitura da escrita, de suas utilidades e afins se transforma em algo incoerente, pelo fato de vida na escola e letramento caminharem de maneira conjunta.

Desse modo, KLEIMAN (2001), afirma que:

(...) desde que a escola acolheu o papel de transferir à “todos” a escrita alfabética, se tornou quase impossível desfazer a mescla ideológica entre letramento, capacidades (cidadãs e cognitivas), bem falar e escolaridade – seja para o senso comum, seja para a elaboração científica sobre o tema. (KLEIMAN, 2001, p. 25).



A escola que almeja educação de qualidade precisa ver o aluno como um ser integral e propiciar o seu desenvolvimento em todas as dimensões: pedagógica, cultural, social, psicológica, inserindo o aluno no seu tempo e lugar. É preciso que a escola seja um verdadeiro espaço de integração, de crescimento intelectual, emocional e afetivo.

É importante que o ambiente escolar promova adaptações necessárias e criativas para o melhor aprendizado do aluno, especialmente, na parte pedagógica, promovendo a formação continuada do professor para que ele possa adotar estratégias e metodologias de aprendizagem que atendam às boas técnicas de leitura e escrita dos alunos.

6. DISCUSSÃO

Esta pesquisa surgiu da necessidade de reflexão a respeito de Alfabetização e Letramento, compreendendo assim os processos envolvidos na construção de leitura e escrita. Em decorrência disso faz-se necessário verificar o olhar docente acerca das atividades de leitura e escrita, desenvolvidas em suas práticas de ensino, pois muitos estudantes nem ao menos sabem ler (analfabetos funcionais), tornando assim de fundamental relevância o papel do professor para mudar essa realidade.

Conforme Mey (2010), historicamente, as discussões sobre a alfabetização se organizaram em torno da eficácia dos processos (analítico, sintético, analítico-sintético) e dos métodos (silábico, fônico, global). Posteriormente, com a divulgação dos estudos sobre a psicogênese da Língua escrita, assistiu-se a um abandono da discussão sobre a eficácia dos processos e métodos. Como caracteriza-se, hoje, o estado da discussão sobre a metodologia da alfabetização.

Percebe-se ainda que o sujeito não precisa somente saber ler e escrever, mas desenvolver a leitura e a escrita no meio em que vive, encaixando-se cada vez no seu cotidiano social. A cada dia mais a sociedade tem o dever de praticar o hábito de leitura e escrita, não apenas pelo papel cultural que exerce, mas para auxiliar na construção de um novo conhecimento a respeito de Letramento e Alfabetização. Para isso é essencial que um indivíduo seja capaz de ler não apenas frases, mas livros, textos longos, sendo considerado um sujeito alfabetizado e não somente letrado.



7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo oportunizou uma maior compreensão sobre a construção de leitura e escrita no processo de Alfabetização e Letramento. Como produto deste estudo concorda-se que as práticas escolares sejam salientadas no desenvolvimento da aprendizagem, precisando haver ações que incentivem a prática de leitura e escrita, tendo a participação ativa do professor que vai despertar no aluno o interesse pelo hábito de ler e escrever. Baseado nisso, se faz necessário que leitura e escrita sejam vistas como processo educativo, uma vez que elas estão relacionadas ao aperfeiçoamento do vocabulário, ao desenvolvimento de habilidades da oralidade e de raciocínio, bem como à reflexão, análise e interpretação do sujeito.

Disto exposto, precisa haver ações que incentivem a prática de leitura e escrita na escola, com a participação de professores e de toda comunidade escolar que podem contribuir no despertar e na sensibilização do aluno para obter o interesse pelo processo.

Portanto fica claro que o processo de desenvolvimento de Alfabetização e Letramento na construção do hábito da leitura e escrita está diretamente ligado à qualidade de aprendizagem do discente. Este fato fica evidente quando observa-se que o aluno que ler mais tende a apresentar melhores resultados em todas as disciplinas. Devido e extensão que se referem assunto proposto, fica aberto para o desenvolvimento de novos estudos com esse tema amplamente abordado.

Todas as constatações feitas sobre Alfabetização, Letramento, Leitura e Escrita procuram demonstrar que é a construção de sentidos na produção e/ou recepção de textos que põe a língua, e seu funcionamento, como parte essencial nas práticas escolares.

Por fim, é necessário, também, analisar os novos e variados suportes textuais que podem promover escrita e leitura de maneira tecnológica e ainda desmistificar a ultrapassada a concepção de Educação, cuja aprendizagem está centrada na relação professor - aluno e somente no âmbito escolar. Nesta perspectiva, o aprendizado de leitura e escrita precisa ser construído para novos espaços, tais como ambientes cibernéticos, além dos muros escolares.



REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **O preparo do educador**, In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.) *O Educador Vida e Morte*. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- BRANDÃO, Helena H; N. MICHELETTI, Guaraciaba. **Teoria e prática da leitura**. In: Coletânea de textos didáticos. Componente curricular Leitura e elaboração de textos. Curso de Pedagogia em Serviço. Campina Grande: UEPB, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília/ DF: MEC, SEF, 1998.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **O ensino e a aprendizagem: os dois métodos**. In: *Alfabetização sem o ba-be-bi-bo-bu*. São Paulo. Scipione, 1999.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede - a era da informação: economia, sociedade e cultura**, vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COLL, César. et al. **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2013
- DIAS, Ruth Joffily. **O Cotidiano na Pedagogia de Freinet**. Série Ideias n. 2. São Paulo: FDE, 2012.
- FERNANDEZ, Marcela Afonso. **Percursos e Estilos de Leitura – Navegação nas M Redes Digitais**. 2009.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução Horácio Gonzalez (et. al.). _24 ed._ São Paulo: Cortez. 1995.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**, São Paulo: Cortez, 2011
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 14ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 48ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- GIL, Antônio. **Metodologia do Ensino Superior**. São Paulo: Atlas. 2012.
- KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- MEY, Jacob. **As vozes da sociedade: seminários de pragmática**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo: UNESP, CONPED, 2000.
- PIAGET, J. **O Construtivismo na sala de aula**. 3ª ed., SP: Ática, 1982.
- RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica - para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. São Paulo: Loyola, 2005.
- REIS, Linda G. **Produção de monografia: da teoria à prática**. 2 ed. Brasília: Senac, 2008.
- Revista NOVA ESCOLA**, Edição Especial. Grandes Pensadores. Fundação Victor Civita, São Paulo: Editor abril, julho /2008.
- RUSSO, M.F. **Alfabetização: um processo em construção**. 6 eds. São Paulo: Saraiva, 2012
- SILVA, Ezequiel Teodoro. **Conferências sobre leitura-trilogia pedagógica**. Campinas /SP: Autores Associados, 2015.
- SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização as muitas facetas**. Revista brasileira de Educação, São Paulo, 2004.
- TEBEROSKY, A. e TOLCHINSKY, L. **Além da alfabetização**. São Paulo: Ática, 1995.
- VAL, Maria G. C. O que é ser alfabetizado e letrado? In: Carvalho, Maria A.& Mendonça, Rosa H. (org.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- VYGOTSKY, L. S. **Psicologia Del Arte**. Barcelona, Barral Editores, 1989.
- ZILBERMAN, Regina. **Fim do Livro, fim dos Leitores**. São Paulo, 2013.
- ZUIN, Antônio. A. S. **O Plano Nacional de Educação e As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação**. In: Revista de Ciência da Educação. Caminhos na Construção do Plano Nacional da Educação: Questões Desafiadoras e Embates Emblemático. Nº 112 V. JUL/SET - 2010.